

# OS “JOGOS VORAZES” DAS CRIANÇAS NO BRASIL

Kátia Magalhães Arruda\*

## 1 – INTRODUÇÃO: A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA EM PANEM E NO BRASIL

O filme “Jogos Vorazes”<sup>1</sup> atraiu uma multidão de espectadores aos cinemas e suscitou algumas discussões sobre o forte conteúdo de violência e opressão trazido pela ficção dramática vivida pelos jovens dos distritos de uma nação chamada Panem, criada após o fim da América do Norte. Os jovens, representantes de cada distrito, eram obrigados a participar de jogos transmitidos ao vivo, expostos a obstáculos perigosos, cujo resultado final era a morte de 23 dos 24 participantes, com apenas um sobrevivente.

Panem é composta pela Capital (onde havia riqueza e fortuna) e treze distritos originários, sendo que se sabe no primeiro livro/filme que o décimo terceiro distrito foi esmagado com toda a sua população após uma rebelião contra a ditadura dominante. Cada distrito possui uma atividade especializada: carvoaria, agricultura, madeireira, e todos trabalham para sustentar a Capital. Todos os anos um casal é sorteado entre crianças e adolescentes de 12 a 18 anos para participar dos jogos vorazes, como um tributo pela rebelião e uma forma de mostrar o poder opressor a que todos estavam submetidos.

A personagem principal é Katniss Everdeen, uma garota órfã de pai, morto nas minas de carvão quando ela tinha onze anos. Aos dezesseis anos, ela trabalha e se sacrifica para sustentar a mãe e a irmã mais nova, no lugar de quem se oferece para participar dos “jogos vorazes”, salvando, assim, a vida da irmã e se expondo a riscos, dores e desespero. Ela é oriunda do Distrito 12, uma região muito pobre, sobre a qual descreve a própria Katniss: “morrer de fome não é um destino incomum no Distrito 12. Quem não viu as vítimas? Pessoas mais velhas que não podem trabalhar, crianças de alguma família com muitos para alimentar. Pessoas feridas nas minas”.

---

\* Ministra do Tribunal Superior do Trabalho; doutora em Políticas Públicas; membro da Comissão Nacional de Combate ao Trabalho Infantil do TST.

1 Trata-se de uma trilogia composta pelos títulos: *Jogos Vorazes; Em Chamas; A Esperança*.

O livro no qual se baseia o filme é mais complexo, e muitos o acusam de não se tratar de literatura infantojuvenil, devido ao intenso drama e a injusta opressão em que vive a maioria dos personagens nesse tipo de literatura muito em moda na atualidade, que mostra uma distopia e retrata o que os filósofos também chamam de antiutopia (o contrário das utopias – sociedades perfeitas e felizes). As comunidades distópicas sempre expressam de forma potencializada um poder tirânico, dominado por um grupo, com ausência de liberdade ou liberdade vigiada.

Como bem observado por Raquel Carneiro<sup>2</sup>, as distopias tiveram grandes representantes na primeira metade do século XX, logo após a 1ª Guerra Mundial, com os livros clássicos “Admirável Mundo Novo”, de 1932, e “1984”, de George Orwell, publicado em 1949. O Brasil também apresenta esse tipo de literatura, a exemplo do livro “Não Verás País Nenhum”, de Ignácio de Loyola Brandão, lançado em 1981, ou, mais recentemente, o livro “Blecaute”, de Marcelo Rubens Paiva.

Panem, a nação retratada no livro “Jogos Vorazes”, além de tirânica e com fortes desigualdades entre seus habitantes, convive com esse circo de horrores, representado anualmente pelos “jogos vorazes” de suas crianças e adolescentes. A personagem principal assim descreve:

“As regras dos jogos vorazes são simples. Como punição pelo levante, cada um dos doze distritos deve fornecer uma garota e um garoto – chamados tributos – para participarem. Os vinte e quatro tributos serão aprisionados em uma vasta arena a céu aberto que pode conter qualquer coisa: de um deserto em chamas a um descampado congelado. Por várias semanas os competidores deverão lutar até a morte. O último tributo restante será o vencedor. Levar as crianças de nossos distritos, forçá-las a se matar umas às outras enquanto nós assistimos pela televisão. Essa é a maneira encontrada pela Capital de nos lembrar de como estamos totalmente subjugados a ela.”<sup>3</sup>

A maioria dos expectadores assiste ao grande espetáculo sem senso crítico sobre o seu conteúdo brutal. São poucos os que se sensibilizam ou se solidarizam com a luta dos jovens pela sobrevivência e se identificam com a jovem órfã, obrigada a trabalhar à exaustão.

---

2 CARNEIRO, Raquel. O mundo cruel (e rentável) da distopia infanto-juvenil. *Veja*: acervo digital. 10.11.2013. Acesso em: 25 fev. 2015.

3 COLLINS, Suzanne. *Jogos vorazes*.

Mas não teríamos no Brasil uma sociedade que se assemelha a Panem?

É claro que não existem jogos televisionados e transmitidos ao vivo para o delírio da população, nem os tributos são pagos com a vida dos inocentes, mas em muitos outros aspectos somos similares: crianças pobres são obrigadas a trabalhar pela sobrevivência, são submetidas a todas as formas de exploração e necessitam ultrapassar inúmeros obstáculos para garantir o pão de cada dia e o amanhecer do dia seguinte.

As desigualdades também são imensas: enquanto uma criança de classe média tem em torno de sete a oito anos de estudo, as crianças pobres têm uma média de 4 anos e 90% apresentam defasagem escolar. Quando estão nas ruas, as crianças têm elevadíssima possibilidade de sofrer transtornos físicos, inclusive violência sexual e uso de drogas, além dos acidentes de trânsito, e, quando trabalham precocemente, têm dobrado risco de acidentes de trabalho.

Aliás, existe no Brasil um grande número de jovens mutilados pelo trabalho irregular. Entre 2007 e 2011, o Ministério da Saúde registrou 5.353 casos graves de acidentes, quase três por dia. Segundo a pesquisa “Perfil do trabalho decente no Brasil”, morre 1 criança por mês em acidentes relacionados ao trabalho.

Portanto, o Brasil possui uma Panem, com a Capital (representada não por uma única cidade, mas por pessoas de bom nível econômico), e incontáveis distritos (representados por jovens pobres), nos quais o Estado Brasileiro precisa atuar de forma mais efetiva para que sobre ele não recaia a responsabilidade de estimular ou, pelo menos, omitir-se diante da morte dessas crianças.

Segundo o Censo de 2000, quando o País registrava 160 milhões de habitantes, 61 milhões eram crianças e adolescentes de 0 a 17 anos de idade. À época, 23% dos brasileiros viviam em estado de pobreza, logo, proporcionalmente, algo como 14 milhões de jovens eram pobres, com renda familiar *per capita* inferior a 1/2 salário-mínimo e 15% desses estavam em pobreza extrema<sup>4</sup>.

Ainda segundo dados da época, um milhão de crianças entre 7 e 14 anos estava fora da escola, 1,9 milhões de jovens analfabetos, 2,9 milhões trabalhavam de forma irregular, das quais 220 mil como empregadas domésticas e 45.000 em lixões, conforme dados da UNICEF (2003).

Dez anos depois, no Censo de 2010, o total geral de crianças caiu 13,4% em relação a 2000, mas ainda existiam 3,4 milhões de jovens entre 10 e 17 anos trabalhando. Os ilícitos continuam: há mais meninas na atividade doméstica

---

4 Pobreza extrema, segundo o Banco Mundial, é a pessoa que vive com menos de um dólar/dia.

(94%) do que meninos, cerca de 258 mil brasileiros, embora tal atividade esteja entre as piores formas de trabalho infantil, e, segundo a ONG Repórter Brasil, o “trabalho informal e precário atinge especialmente os adolescentes e está relacionado à evasão escolar e à falta de alternativas oferecidas pelo mercado”<sup>5</sup>.

Entre 1998 e 2008, 81 mil adolescentes foram assassinados, e vários outros tipos de violência foram cometidos contra os jovens: um em cada sete estava fora da escola, e dos 12.594 casos registrados de violência sexual, 8.674 ocorreram na faixa etária de 7 a 14 anos<sup>6</sup>.

Outro dado expressivo da voracidade mortal à qual estão submetidas as crianças brasileiras refere-se ao descaso com os que vivem nas ruas. A Secretaria de Direitos Humanos constata que cerca de 24.000 meninos e meninas perambulam pelas ruas do país. Segundo Manoel Torquato, coordenador da “Campanha Nacional criança não é de rua”, o que leva os jovens para essa vivência, a maioria pedintes (60%), é a fragilização dos vínculos familiares (27%) e uso de drogas (26%). Segundo o coordenador “as crianças que estão em situação de rua muitas vezes são exploradas sexualmente, são vítimas de ameaça de morte, de trabalho infantil, mas não têm um lugar de proteção garantido em termos de políticas públicas” e acrescenta que a sociedade só os visualiza de maneira negativa, associados à criminalização... “quando se quer discutir maioridade penal, quando uma criança ou adolescente é responsabilizado por algum ato infracional, aí essa criança se torna visível. Antes disso, não”<sup>7</sup>.

Outras disparidades são persistentes e exponenciais do preconceito e da segregação: embora a taxa da mortalidade infantil tenha caído de 47,1/1000 crianças em 1990 para 19/1000 em 2008, uma criança pobre tem mais que o dobro de possibilidade de morrer em comparação às ricas, e as negras, 50% a mais em relação às brancas<sup>8</sup>. Aliás, as crianças negras têm quase 70% a mais de probabilidade de viver na pobreza do que as brancas.

Ainda conforme a UNICEF, nas regiões mais pobres como o Norte e Nordeste, somente 40% das crianças terminam a educação fundamental, enquanto no sul e sudeste essa proporção é de 70%. É bem verdade que na atualidade há o registro de que 98% das crianças de 7 a 14 anos estão na escola

---

5 Repórter Brasil: Relatório sobre trabalho infantil é lançado em Brasília. Publicado em 08.05.2013. Acesso em: 12 fev. 2015.

6 UNICEF: Situação mundial da infância: crianças em um mundo urbano, 2012.

7 A pesquisa foi realizada em 75 cidades do país e divulgada por Repórter Brasil. Via Blog – *A invisibilidade de crianças e adolescentes em situação de rua* – 16.10.1013. Acesso em: 28.01.2015.

8 Dados constantes no site da UNICEF Brasil – *Infância e Adolescência no Brasil*. Acesso em: 27 jan. 2015.

(uma exigência do principal programa de transferência de renda do Brasil: o Bolsa Família), mas vale registrar que, das 535 mil que estão fora da escola, 330 mil são negras.

A disparidade também se apresenta em relação ao IHA (Índice de Homicídios na Adolescência), que é calculado pela soma dos municípios com mais de cem mil habitantes (com base no Censo de 2010) e que mostra que a situação mais grave é na região Nordeste, onde 4,28 adolescentes de 12 anos em cada mil são vítimas de homicídio antes de alcançarem os 19 anos de idade<sup>9</sup>. A região Sudeste apresentou o menor valor (1,88), mas como possui a maior população estima-se um número elevado de vítimas. Entretanto, se o adolescente for negro ou pardo, o risco de homicídio é quase três vezes maior do que o do adolescente branco ou amarelo<sup>10</sup>.

## 2 – DISPARIDADES E DESIGUALDADES NO OLHAR SOBRE A CRIANÇA

Ao analisar superficialmente as estatísticas já descritas, é fácil perceber o quanto sofrerá uma criança que venha, por exemplo, a nascer pobre, negra e no Nordeste do país!

Em documento intitulado “Reimagine o futuro”<sup>11</sup> sobre a situação mundial da infância, a UNICEF traz uma importante comparação sobre a desigualdade de condições que afeta as crianças em todo o mundo e o quanto essa situação irá afetá-las ao longo de suas vidas:

– Registro de nascimento: 79% das crianças mais ricas têm seu nascimento registrado, mas apenas 51% das mais pobres possuem alguma identidade oficial;

– Doenças: as crianças pobres têm probabilidade duas vezes maior de apresentar retardo de crescimento e de morrer antes dos cinco anos de idade.

– Educação: nove em cada dez crianças que pertencem às famílias mais abastadas nos países desenvolvidos frequentam a escola primária – em comparação com apenas seis em cada dez crianças das famílias mais pobres.

---

9 Na análise do IHA por Unidade da Federação, Alagoas (9,07), Bahia (7,86), Espírito Santos (6,54) e Paraíba (6,05), foram os Estados com maiores índices.

10 Dados extraídos do Relatório Homicídios na adolescência no Brasil – IHA 2009-2010. PRVL. Presidência da República/Secretaria de Direitos Humanos. Rio de Janeiro, 2012.

11 UNICEF: Reimagine o futuro. 2014

Todos esses dados têm apenas um propósito: o de mostrar o quanto de opressão e injustiça têm recaído sobre os jovens do Brasil e do mundo, o que leva à constatação de que a fictícia Panem está presente em inúmeras e verdadeiras cidades. Na reportagem intitulada “Muitas Pedras no Caminho”<sup>12</sup> há o relato do garoto João Júlio, resgatado em condições de escravidão em uma pedreira onde trabalhava de sol a sol, no Rio Grande do Sul:

“Para João Júlio havia mais do que uma pedra no meio do caminho. Eram centenas, no mínimo. Aos 15 anos de idade, o garoto não ia à escola para, assim como o pai, quebrar pedaços de basalto com uma marreta. (...) Na pedreira, o adolescente e os outros nove resgatados de condições análogas às de escravo desempenhavam as atividades sem registro em carteira de trabalho. O empregador também não fornecia ao grupo de trabalhadores escravizados as ferramentas para o serviço nem alojamento adequado, instalações sanitárias ou ambiente para preparar e consumir refeições.”

Situação ainda mais parecida com a de Panem é a dos garotos escravizados pelo ex-prefeito da cidade de Lábrea, no Amazonas, que é acusado de manter 21 pessoas em condições análogas a de escravos na produção de castanha-do-pará, inclusive dois meninos de onze anos de idade, conforme o seguinte relato feito pelos auditores fiscais:

“O que mais nos chamou a atenção foi a questão das crianças. Vimos meninos carregando sacos de 25 kg dentro da floresta, andando até quatro quilômetros descalços.”<sup>13</sup>

Quando Katniss Everdeen e Peeta (seu companheiro de Distrito) vencem o torneio, a população vibra e aplaude. Venceu o melhor! Embora as marcas fiquem para sempre na vida dos sobreviventes e das famílias que tiveram seus jovens mortos nos jogos.

Assim como ocorre na vida real (quando alguém de origem humilde consegue chegar a uma posição socioeconômica superior), também as pessoas de Panem veem nos dois jovens vencedores algo de extraordinário, de mérito, de força de vontade. De fato, ocorreu algo fora do comum, diferenciado, que permitiu aquela vitória.

---

12 Repórter Brasil: Muitas pedras no caminho. 08.08.2013.

13 Repórter Brasil: Ex-prefeito de Lábrea é responsabilizado por trabalho escravo infantil. Publicado em 29.04.2014. Acesso em: 12 fev. 2015.

Muitos passam a ver os vencedores como heróis e heroínas, assim como fazemos no Brasil com apresentadores famosos de televisão, artistas ou jogadores de futebol que saem do seu círculo original de pobreza.

Não percebemos que o ocorrido é tão excepcional que se trata de uma vitória individual, raríssima e que não estará ao alcance da esmagadora maioria que ficou para trás e que continuará pobre, subjugada e oprimida. A grande e triste verdade é que, além da brutalidade de obrigar crianças e adolescentes a jogarem em uma arena (seja na vida real, seja na ficção), as oportunidades de luta também não são iguais. Em Panem, como no Brasil, os jovens não têm as mesmas chances de vencer.

Em Panem, os jovens dos distritos mais ricos são treinados desde a infância, recebem boa alimentação e de forma natural adquirem compleição física e estrutura corporal mais forte e adequada para as competições. Os jovens dos distritos pobres são, em geral, fracos, pequenos e famintos. Fora esse aspecto, em si já relevantíssimo, há a interferência de patrocinadores que apoiam e financiam os melhores grupos, utilizando a mídia como uma forma de controle social<sup>14</sup>.

No Brasil, as crianças pobres, por terem uma alimentação inferior, com baixo teor nutricional, crescem sem a estrutura físico-muscular bem desenvolvida, com pouco uso de medicamentos ou outras terapias, que estão ao alcance das crianças com maior poder aquisitivo. Possuem nível educacional inferior e reduzido acesso a novas tecnologias, como computadores, o que, por consequência, limita seu conhecimento geral e específico. Pior: pesquisas científicas têm revelado que, muito além do aspecto físico, a falta de cuidados na infância causa prejuízos que comprometem não só o aprendizado e a memória, como a formação de vínculos afetivos na vida adulta, incitando doenças como depressão, ansiedade e comportamentos violentos<sup>15</sup>. Logo, problemas de vidência são causados menos por origem genética do que pelas condições deploráveis

---

14 Interessante análise realizada pelo blog “cinemadoboteco.com.br”, postado em 20.11.2013, sob o título “Jogos Vorazes: a sociedade do espetáculo para leigos”, cujo trecho transcrevo abaixo:

“Desse modo, pode-se dizer que o futuro distópico de ‘Jogos Vorazes’ pode ajudar a compreender a realidade atual, pondo em cena, de forma simbólica, a sociedade do espetáculo em que vivemos. Ajudando a repensar a ideia de entretenimento como uma sutil forma de controle social. Além disso, o filme não aborda apenas a problemática dos *reality shows*, mas igualmente trata sobre as relações mediadas através das redes sociais (...). A indagação que se coloca é: será que já vivemos em uma espécie de grande ‘jogo voraz’ no qual devemos sempre vender a nossa imagem, a fim de nos tornarmos mais populares para continuar no jogo.”

15 Matéria divulgada pela Revista ISTOÉ 2360, de 25 de fevereiro de 2015, em que são apresentadas as pesquisas da equipe comandada por Johanne Bick, do Boston Children’s Hospital (EUA), que provam que crianças mal cuidadas (de 0 a 6 anos) podem apresentar alterações significativas na substância branca do cérebro, em áreas envolvidas no processamento de emoções.

às quais foram expostas essas crianças, sem o devido cuidado da família, da sociedade e do Estado.

Portanto, as chances de sobrevivência e desenvolvimento das crianças pobres são infinitamente inferiores às das crianças ricas e de classe média. Há alguma justiça nisso?

### 3 – CONCLUSÃO: É URGENTE RESGATAR CRIANÇAS PARA UM FUTURO MELHOR

Como bem lembrado por Amartya Sen, ao recordar as palavras do personagem Pip, do conto “Grandes Esperanças”, de Charles Dickens, “no pequeno mundo onde as crianças levam sua existência, não há nada que seja percebido e sentido tão precisamente quanto a injustiça”.

“Mas a percepção firme de injustiças manifestas também se aplica aos seres humanos adultos. O que nos move, com muita sensatez, não é a compreensão de que o mundo é privado de uma justiça completa – coisa que poucos de nós esperamos – mas a de que à nossa volta existem injustiças claramente remediáveis que queremos eliminar.”<sup>16</sup>

Embora no filme “Jogos Vorazes I” e na sequência de filmes, Katniss Everdeen assuma de fato uma liderança, ela sabe que, para estar viva, muitos outros jovens foram deixados para trás e talvez, por ter essa percepção, resolve lutar para mudar o destino dos que ainda estão vivos. O mundo de Katniss é transformado e ela assume a responsabilidade de ajudar a transformar o mundo dos demais, o que nem sempre ocorre com os que vencem a pobreza.

De um modo geral, o brasileiro que não passa por privações acha que aquele que foi “desfavorecido pela sorte” “não faz nada para mudar seu destino” ou, o que é ainda pior, acha certo “que o destino das crianças pobres seja trabalhar desde cedo”, como se houvesse alguma culpa nos jovens que nasceram na pobreza.

Não se sentem responsáveis por uma mudança! Chegam mesmo a criticar as políticas públicas de combate à fome e ao trabalho infantil. Contraditoriamente, aplaudem políticas similares em outros países, como na França e na Alemanha, mas se opõem à iniciativa de inserção social no Brasil.

Vejam, pois, que também assistimos crianças jogadas à morte, à violência e à exploração como se assistíssemos à televisão ou com o preconceito

---

16 SEN, Amartya. *A ideia de justiça*. São Paulo: Cia das Letras, 2001. p. 9.

de quem vê “gente que não é como a gente”. Muitas vezes mostramos menos sensibilidade ao olhar o mundo real do que ao olhar a televisão ou o cinema.

A saga do livro “Jogos Vorazes” já foi concluída, assim como o filme, que se tornou sucesso absoluto nas bilheterias. A saga de sofrimento das crianças brasileiras continua nas praças, ruas e avenidas do nosso país. Ao contrário do livro, não desejamos ansiosamente o final de uma história, mas o começo de uma nova, construída por milhares de brasileiros que assumam a responsabilidade, não como espectadores, mas como autores, de mudar a realidade de crianças e adolescentes no Brasil.

Essa mudança exige compreensão e apreensão do mundo. Compreensão da realidade que vivemos e apreensão do nosso papel. Exige a percepção de que a continuidade de uma injustiça afeta toda a sociedade, mesmo que a aparência seja outra. Temos medo das crianças que vagam nas ruas e das que praticam ilícitos, mas não percebemos a infinita quantidade de ilícitos sofridos por essas mesmas crianças, inclusive pela omissão e atuação do Estado brasileiro. Cumprir a Constituição Federal, garantindo-lhes o acesso primordial à educação e à saúde, é o primeiro passo; combater a exploração e a segregação e inserir os jovens em uma sociedade menos desigual não é uma utopia, já que vários países do mundo já alcançaram esse objetivo.

A aparência de democracia no Brasil precisa ser transformada em realidade. Somente eliminando os jogos vorazes a que estão submetidas as nossas crianças em seu sacrifício cotidiano, será possível garantir a liberdade necessária à edificação de uma democracia real. Devemos isso aos jovens do Brasil.